

COOPERATIVISMO DE PLATAFORMA COMO ALTERNATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO PÓS-COVID-19

Alexandre Borba da Silveira *

Douglas Wegner **

Joel Queiroz da Silva ***

* Alexandre Borba da Silveira – é doutor em Administração de Empresas pela Unisinos (2020). Estágio doutoral na Southern Denmark University (2019). Atualmente é professor Substituto de Empreendedorismo, Comportamento do Consumidor, Gestão da Produção e Estratégia no IFRS-Campus Viamão, Unisinos e UniLasalle. Interesses de pesquisa atuais em cooperativa de plataforma, marketing digital, comportamento do consumidor e coopetição com foco em economia compartilhada, consumo colaborativo, plataformas digitais por meio de métodos de pesquisa qualitativa, incluindo entrevistas, etnografia e netnografia. **e-mail:** alexandre.silveira@viamao.ifrs.edu.br

** Douglas Wegner – é doutor em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011), com estágio-doutoral na Universität zu Köln (Alemanha). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). É membro do Comitê Científico da área de Estratégia em Organizações da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (Anpad). Tem experiência na área de Administração, atuando principalmente nos seguintes temas de pesquisa: redes de empresas, arranjos organizacionais, cooperação empresarial e competitividade. **e-mail:** dwegner@unisinos.br

*** Joel Queiroz da Silva - é especialista em gestão de cooperativas (2020), em gestão Empresarial e em inteligência estratégica e competitiva. Experiência em estratégia de negócios com ênfase nas áreas de marketing e comercial. Atuação em todos os segmentos (indústria, comércio e serviços) e organizações de diferentes ramos, como: financeiro, telecom, bebidas, alimentos e energia. Atualmente é Consultor, professor e palestrante nas áreas de marketing, planejamento, empreendedorismo e cooperativismo. **e-mail:** jqueiroz_br@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 forçou a população mundial a passar por uma transformação significativa, acelerando mudanças sociais, econômicas, mercadológicas e tecnológicas. O vírus tornou nossa capacidade de projetar o futuro incerto, forçando novas soluções para sobrevivência individual e coletiva (HOSSAIN, 2020). Diante desta perspectiva, novas formas de produção foram potencializadas, acelerando a transformação digital da economia e dos negócios. Embora já vivenciássemos uma transformação digital na forma de fazer negócios, o advento da pandemia promoveu uma aceleração neste processo, ressignificando comportamentos sociais, econômicos e mercadológicos (DWIVEDI et al., 2020). Neste contexto, a economia compartilhada, suportada pelas plataformas digitais, se fortaleceu, eliminando barreiras e aproximando organizações, consumidores e provedores (FALCÓN PÉREZ; FUENTES PERDOMO, 2019; ZHANG et al., 2020).

Em uma visão ampla, a economia compartilhada (EC) promove modelos de negócios alternativos, que transcendem o capitalismo tradicional em um movimento digital disseminado por indivíduos, comunidades e plataformas (DE VAUJANY; LECLERCQ-VANDELANNOITTE; HOLT, 2019; HOSSAIN, 2020). Nesta perspectiva, atividades básicas compõem-se pelo consumo, produção, aprendizagem e finanças por meio de práticas compartilhadas (BELK, 2014). Dessa forma, o conceito de modelo de negócio de economia compartilhada é determinado pelas atividades desenvolvidas por plataformas digitais (PD) que intermediam, apoiando ações colaborativas entre consumidores e provedores de serviço (HARVEY; SMITH; GOLIGHTLY, 2017). Assim, é possível que a plataforma atue simplesmente como um intermediário digital, colocando prestadores de serviços em contato com os usuários e facilitando a colaboração entre eles. Mas também é possível que a plataforma seja aquela que fornece o próprio produto/serviço principal, ou que preste serviços auxiliares ou complementares aos principais (FALCÓN PÉREZ; FUENTES PERDOMO, 2019, p. 162).

Neste contexto, o surgimento de plataformas baseadas em tecnologia altera a oferta e o consumo de produtos e serviços na economia e mercado (HOSSAIN, 2020). Nesta perspectiva, as plataformas digitais (PD) são definidas como soluções visíveis e invisíveis que incluem sites, blogs, redes de mensagens virtuais, aplicativos móveis e redes sociais de textos, conteúdo, imagens e vídeos que permitem o compartilhamento rápido de informações,

conteúdos, produtos e serviços (DE REUVER; SØRENSEN; BASOLE, 2018). As PD's fornecem um processo contínuo que integra induções, conexões e mediações, resultando em novas interações, relacionamentos e estímulos com as estruturas sociais ou comportamentais entre consumidores e fornecedores (ECKHARDT et al., 2019; ERTZ, BOILY, 2019; DA SILVEIRA et al., 2021). A mediação de plataformas digitais destaca-se por assumir uma influência e posição integradora entre agentes humanos para transformar, transportar e remodelar estilos de vida, negócios, relações de consumo por meio da EC (ECKHARDT et al., 2019; RAVENELLE, 2017; DA SILVEIRA, 2020).

Muitos acadêmicos viram na economia compartilhada um potencial para uma transição da sociedade consumista para um modelo produtivo capaz de reduzir impactos ambientais e de desigualdade social (BOTSMAN; ROGERS, 2011; SANDOVAL, 2020). Novas fontes de renda podem fomentar a solidariedade e regenerar comunidades por meio de colaborações e cooperações (FORAMITTI; VARVAROUSIS; KALLIS, 2020). Entretanto, para Martin, Upham e Klapper (2017) as plataformas digitais na economia compartilhada têm sido criticadas por seu discurso público de dar poder aos usuários, que não pode ser considerado totalmente verdadeiro. Os modelos de negócios baseados por plataformas digitais têm, em sua maioria, um enfoque totalmente econômico, prestando pouca atenção aos aspectos sociais, ambientais e colaborativos (SCHOR, 2020; SANDOVAL, 2020).

Por outro lado, como alternativa às plataformas com enfoque econômico, surgem plataformas com enfoque cooperativo em que sua governança, com participação mais democrática, equânime e participativa (SCHOLTZ, 2016; ICA, 2020; SILVA, 2020). As cooperativas incentivam a solidariedade social e mostram potencialidades alternativas que podem inspirar a ação coletiva e a mudança social (SCHNEIDER, 2018). Assim, o movimento das cooperativas digitais inspira mudanças em uma nova era para o cooperativismo tradicional (FORAMITTI; VARVAROUSIS; KALLIS, 2020). Esse modelo disruptivo de cooperativa clama por um “tipo de internet com interações mais justas”, com base em uma governança e propriedade compartilhada entre as plataformas, cooperados e consumidores (BERNARDI, 2020; SCHOLTZ; SCHNEIDER, 2016; SANDOVAL, 2020). As cooperativas de plataforma acomodam valores de sustentabilidade em seu sistema de governança, equilibrando a autonomia e a colaboração por meio das relações comunitárias e

cooperativas (SCHOLTZ; SCHNEIDER, 2016; SCHNEIDER, 2018; FORAMITTI; VARVAROUSIS; KALLIS, 2020; ICA, 2020; SANDOVAL, 2020).

Nesta lógica, as cooperativas de plataforma proporcionam uma visão mais ambiciosa sobre como contribuir para a mudança social em grande escala, alternando radicalmente a forma como a economia funciona (FALCÓN PÉREZ; FUENTES PERDOMO, 2019). As cooperativas de plataforma podem auxiliar no processo como a riqueza é compartilhada, sendo uma alternativa para os novos desafios econômicos enfrentados pós pandemia da COVID-19. Assim, esses processos sócio tecnológicos, aliados às relações entre indivíduos e artefatos tecnológicos, precisam de mais atenção e questionamentos nos estudos de consumo, organização, mercado e cooperação.

Desse modo, torna-se necessário compreender a cooperação em uma lógica socio-técnica que influencia as práticas colaborativas entre consumidores, fornecedores, tecnologias, empresários (SCHNEIDER, 2018; SCHOR, 2020). Assim, este estudo pretende avançar as lacunas de conhecimento sobre as cooperativas de plataforma como alternativas para o desenvolvimento econômico entre consumidores, prestadores de serviços e cooperativas. Portanto, a questão da pesquisa apresentada é: Como as plataformas podem desenvolver a economia baseados pelo movimento cooperativista? A proposta é avançar as discussões e debates sobre a economia compartilhada baseadas por plataformas digitais que proporcionam colaborações e cooperações. Diante disso, o objetivo deste capítulo é mapear as plataformas que estão desenvolvendo negócios econômicos baseados no movimento cooperativista.

Diante disso, esta pesquisa será conduzida para descrever iniciativas coletivas de plataformas que desenvolvem negócios baseados na cooperação no Brasil. Neste sentido, o cooperativismo de plataforma se propõe a ser uma alternativa à economia de plataforma (FORAMITTI; VARVAROUSIS; KALLIS, 2020). Neste modelo os cooperados podem gerenciar democraticamente negócios eliminando intermediários e administrando suas próprios iniciativas (SANDOVAL, 2020). Por exemplo, a ideia é muito simples em que motoristas de aplicativo administrando seus serviços como usuários do Facebook ou WhatsApp controlando democraticamente suas contas e grupos de forma coletiva, associativa e cooperativa. Portanto, o cooperativismo de plataforma determina um importante debate sobre alternativas para a economia compartilhada em uma Internet controlada por corporações monopolistas, como Uber, Airbnb, Ifood entre outras (SCHOLTZ, 2016; SANDOVAL, 2020).

A cooperativa de plataforma tem o potencial de unir ativistas, desenvolvedores de software, trabalhadores precários, empreendedores e qualquer pessoa que use a Internet e tecnologias digitais para criar mudanças sociais, econômicas e mercadológicas (SCHNEIDER, 2018; FORAMITTI; VARVAROUSIS; KALLIS, 2020; SANDOVAL, 2020; SILVA, 2020).

Justifica-se a relevância do estudo por se tratar do desenvolvimento de uma proposta teórica somada a uma pesquisa empírica, voltada a melhor compreender e explorar motivações sociais e tecnológicas que integram o contexto da cooperação por plataforma. Essa democratização associada às práticas de colaboração, compartilhamento e inovação tornam o ambiente acadêmico e gerencial aberto a novos ensaios e propostas para dar um melhor entendimento sobre os recentes fenômenos sócio tecnológicos (BAJDE, 2014; MARTIN; UPHAM, KLAPPER, 2017; DA SILVEIRA, 2020; HOSSAIN, 2020). O estudo pretende apresentar iniciativas com impactos sociais e econômicos que pode revelar alternativas para solução de problemas relacionados ao emprego e renda pós-covid-19. Para Zhang et al. (2020) a partir da COVID-19 muitas iniciativas relacionadas a negócios baseados em tecnologia de plataforma estão sendo associadas ao sentimento de comunidade e cooperação.

Esse sentimento de comunidade e cooperação emerge das práticas de compartilhamento e foram consolidadas devido ao poder das plataformas em moldar a dinâmica de troca e interação entre consumidores, provedores e organizações (HOSSAIN, 2020). Outro aspecto importante está associado ao aumento do uso de sistemas de colaboração em que mais indivíduos estão dispostos a participar de iniciativas digitais associadas a sistemas cooperativos (DWIVEDI et al., 2020; ZHANG et al., 2020). Portanto, um caminho será analisar como a tecnologia ou plataformas digitais pode ser usada de forma mais eficaz para criar igualdade e melhorar o bem-estar dos indivíduos (FALCÓN PÉREZ; FUENTES PERDOMO, 2019; DWIVEDI et al., 2020). A originalidade do estudo está em descrever o cooperativismo de plataforma como uma alternativa ao etos individualista da economia do compartilhamento, no sentido de rivalizar com empresas como Amazon, Uber e Airbnb (SCHOLTZ, 2016; SCHNEIDER, 2018; SANDOVAL, 2020).

Este estudo descreve oportunidades de cooperativas de plataforma como alternativas sociais, coletivas e econômicas. As próximas três seções conceituais definem o movimento cooperativista, as cooperativas, a economia compartilhada, plataformas digitais e as

cooperativas de plataforma. Segue-se pela metodologia qualitativa exploratória por meio da *netnografia* como procedimento metodológico. Na sequência apresenta-se as iniciativas nacionais de cooperativa de plataforma em operação, desenvolvimento e em construção. Finalmente, considerações finais e implicações para as pesquisas futuras são fornecidas.

2 COOPERATIVISMO E COOPERATIVA

O cooperativismo se notabiliza ao longo dos tempos por ser um instrumento poderoso de geração de desenvolvimento, enfrentamento de crises e pela sua elevada capacidade de adaptação e evolução. Na abordagem de Farias e Gil (2013), o cooperativismo pode ser compreendido como um conjunto de preceitos econômicos e sociais, baseados nas pessoas, na solidariedade, igualdade, liberdade, democracia e racionalidade. Essa iniciativa coletiva demanda compromisso e comprometimento de todos os participantes, para que possa obter êxito e alcançar o bem comum (RAMBO; ARENDT, 2012; SESCOOP/RS, 2021). Assim, o cerne do movimento cooperativo se caracteriza pelos valores de ajuda mútua e igualdade de direitos e deveres (FARIAS; GIL, 2013; SCHNEIDER, 2018).

A constituição de uma entidade cooperativa, na descrição da International Cooperative Alliance – ICA (2020), ocorre através da associação autônoma de pessoas, unidas voluntariamente para satisfazer necessidades comuns, econômicas, sociais e culturais, através de uma instituição de propriedade conjunta e democraticamente gerida por todos os membros associados. Rios (2007) destaca que esse tipo de empreendimento substitui lucro e intermediários por propósito de cooperação com resultados para os seus associados. Paré (2009) argumenta que as organizações cooperativas possuem cunho social (sociedade de pessoas) e econômico (empresa e ou organizações de capital).

No Brasil, a lei geral do cooperativismo (Lei 5.764/71) caracteriza a instituição cooperativa como uma sociedade de natureza civil, com forma jurídica própria, constituída por pessoas que reciprocamente se obrigam a contribuir com bens ou serviços para o exercício de uma atividade econômica de prestação de serviços voltada ao atendimento de seus associados, sem objetivo de lucro e não sujeita a falência (SCHNEIDER, 2006). Atualmente as cooperativas brasileiras estão organizadas em 7 setores (agropecuário, consumo, crédito, infraestrutura, saúde, transporte, trabalho, produção de bens e serviços). Neste estudo o foco é mapear tais iniciativas de cooperativas de plataforma levando em consideração estas premissas, estruturas e segmentos no movimento da economia compartilhada.

3 ECONOMIA COMPARTILHADA E PLATAFORMAS DIGITAIS

A economia compartilhada (EC) é considerada uma oportunidade de transformar a forma como os negócios tradicionais são realizados por meio de plataformas digitais (ERTZ; BOILY, 2019; HOSSAIN, 2020). As práticas de compartilhamento surgem como boas alternativas para consumidores, provedores e empreendedores, acomodando preocupações de inserção social, econômicas e mercadológicas (DWIVEDI et al., 2020). Atualmente, mais de 17 setores e 47 subsetores de serviços sob demanda (We Work), transporte (Uber), hospedagem (Airbnb) e entrega de alimentos (Uber Eats, Ifood e Rappi), com 165 negócios diferentes operam por meio desta lógica de plataforma (HOSSAIN, 2020). Essas plataformas tornaram-se grandes conglomerados, criando empregos diretos e indiretos para milhões em todo o mundo (MARTIN; UPHAM, KLAPPER, 2017). Contudo, a operação destes negócios digitais privilegia a concentração de propriedade, em que grandes empresas suportadas por plataformas moldam a expansão dos investimentos e das relações de trabalho (SCHOR, 2020).

As plataformas digitais estão se tornando proprietárias da infraestrutura da sociedade, em que há fortes tendências à monopolização das atividades econômicas (SCHOR, 2020; SANDOVAL, 2020). As plataformas digitais são caracterizadas por artefatos tecnológicos digitais como sites, blogs, redes de mensagens virtuais, aplicativos móveis, redes sociais com textos, conteúdo, imagens e vídeos como aplicações dos sistemas Android e IOS que permitem o compartilhamento rápido de informações, produtos e serviços (ECKHARDT et al., 2019). Neste estudo, os autores adotam uma definição ampla de plataformas digitais com base em uma economia baseada na comunidade e plataformas multifacetadas que oferecem aos usuários acesso temporário a recursos tangíveis e intangíveis (ERTZ; LEBLANC-PROULX, 2018; DA SILVEIRA et al., 2021).

Por outro lado, a pandemia da COVID-19 forçou as organizações a transformar suas políticas de negócios de acordo com o cenário de mudança (DWIVEDI et al., 2020). Neste sentido, a pandemia afetou todos os negócios, inclusive os baseados sob a lógica de plataforma. Por exemplo, as plataformas de transporte, entrega de refeição, entrega de produtos entre outros (HOSSAIN, 2020). Este advento foi potencializado em geral devido ao menor custo, facilidade de uso, agilidade nas interações e popularidade das plataformas entre consumidores, provedores, empreendedores e comunidade (ZHANG et al., 2020). Além disso, as tecnologias aceleraram processos de troca, interação e compartilhamento achatando os

relacionamentos entre as comunidades digitais proporcionando um senso de questionamento sobre seu papel nesta colaboração e compartilhamento em busca de bem-estar social (ZHANG et al., 2020; DA SILVEIRA, 2020; DA SILVEIRA et al., 2021).

Neste sentido, surge o debate sobre o desenvolvimento de cooperativas para organizar atividades econômicas no capitalismo de plataforma como meio de acomodar a classificação dos provedores ou fornecedores como autônomos (SCHOR, 2020). Além disso, as tecnologias atuais são estruturadas para entregar produtos e serviços de forma mais simples, democráticas e transparentes possível, de forma intensa e com foco na experiência, personalização, relevância e valor agregado (ALDRICH, 2014). Diante disso, constata-se que a economia compartilhada e os agentes tecnológicos (PD) que estão ou fazem parte desse ambiente geram uma inovação perturbadora de transformação no mercado e nas economias mundiais (MARTIN et al., 2017). As inovações geradas por essas plataformas estão disseminando mudanças de comportamento na sociedade e nos negócios, desenvolvendo uma economia mais equilibrada, colaborativa, cooperativa e sustentável (HOSSAIN, 2020; SCHOLTZ, 2016; SCHOR, 2020; SILVA, 2020; DA SILVEIRA et al., 2021).

4 COOPERATIVA DE PLATAFORMA

Na perspectiva das cooperativas de plataforma os próprios atores tornam-se essenciais na construção do empreendimento, cujo principal objetivo é promover o desenvolvimento econômico de seus membros de forma participativa (SCHOLTZ, 2016). Apesar de todas as diferenças de tempo, prática e contexto, o cooperativismo de plataforma compartilha com o cooperativismo tradicional uma crença na transformação social por meio da expansão de pequenos projetos alternativos de baixo para cima, ao invés de reivindicar poder político e econômico (SANDOVAL, 2020). O cooperativismo de plataforma é diferente das plataformas tradicionais. Enquanto estas últimas têm como objetivo principal tornar os negócios produzidos por meio de um poder central, o foco principal de um modelo cooperativo é o benefício direto definido e aprovado pelos seus participantes membros (SCHOLTZ, 2016; SCHOLTZ; SCHNEIDER, 2016).

Dessa forma, o conceito de “cooperativismo de plataforma” difere do conceito tradicional de plataforma: 1) Por agregar valores genuinamente democráticos, com a mudança da propriedade das plataformas no formato cooperado; 2) Incentiva os coletivos de trabalho, negando a ideia de uma força de trabalho massiva e anônima; e 3) A ressignificação de

conceitos como inovação e eficiência, tendo em vista o benefício de todos, e não a apropriação de lucros para poucos intermediários (SCHOLTZ, 2016; SANDOVAL, 2020). Para Benkler (2017, 94), o cooperativismo de plataforma pode ser favorecido pela sua disrupção contrapondo-se ao capitalismo de plataforma, pelo momento ser propício à cooperação entre as pessoas e tecnologias, e em terceiro a ascensão da busca de experiências colaborativas de produção e consumo. Assim, o momento pós-COVID-19 favorece o surgimento de movimentos coletivos e cooperativos operando a partir de redes sociais e tecnológicas (DWIVEDI et al., 2020; SILVA, 2020; ZHANG et al., 2020).

O cooperativismo de plataforma não é um mero retorno às formas não comerciais na lógica de compartilhamento, que ocorrem desde a disseminação da Internet (ICA, 2020), mas sim formas comerciais com outros valores e pressupostos cooperativistas (SCHNEIDER, 2018). No entanto, esse modelo busca eliminar o intermediário e desenvolver estratégias que possam distribuir de forma mais equilibrada a renda gerada pelos negócios (FORAMITTI; VARVAROUSIS; KALLIS, 2020; SANDOVAL, 2020). Assim, o cooperativismo de plataforma surge como uma resposta ao trabalho e consumo compartilhado com um objetivo de democratizar a participação nas ações, promoções, moderações de renda e consumo de uma forma comercialmente equilibrada (SCHNEIDER, 2018; FALCÓN PÉREZ; FUENTES PERDOMO, 2019; FORAMITTI; VARVAROUSIS; KALLIS, 2020).

Embora o cooperativismo de plataforma ofereça uma alternativa muito necessária para a economia compartilhada tradicional, ele também levanta questões sobre o que significa a mudança social facilitada por meio de plataformas. Assim, surgem exemplos nacionais como a cooperativa do sindicato dos taxistas de Porto Alegre contrapondo-se ao modelo de mobilidade do Uber, Aplicativo Caronê dos alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Vou Bem dos motoristas de aplicativos de Maringá no Paraná e Cataki dos catadores de resíduos de São Paulo (MENDES, 2020). Para Sandoval (2020), este tipo de iniciativa fornece um senso de comunidade e solidariedade desenvolvendo uma alternativa prática às plataformas tradicionais. Portanto, de muitas maneiras plataformas e soluções digitais podem se associar ao cooperativismo, eliminando a própria distinção entre trabalhadores e proprietários oferecendo uma alternativa para a economia compartilhada (SCHOLTZ, 2016; FALCÓN PÉREZ; FUENTES PERDOMO, 2019; SCHOR, 2020).

A cooperativa de plataforma levanta questões sobre a mudança social que pode ocorrer por meio de plataformas digitais. Essas questões também são necessárias para estudar como funciona o tecnocapitalismo, que molda e amplifica as necessidades e desejos dos consumidores e fornecedores de produtos e serviços (PARKER; VAN ALSTYNE, CHOUDARY, 2016; KOZINETS; PATTERSON; ASHMAN, 2017). Portanto, as cooperativas de plataforma emergem como potenciais alternativas para os negócios que podem inspirar a ação coletiva, compartilhada e colaborativa para uma mudança social com foco no desenvolvimento econômico sustentável Pós-Covid-19 (SILVA, 2020).

4 METODOLOGIA

A estratégia de investigação escolhida para o desenvolvimento deste estudo se caracteriza como uma pesquisa de natureza qualitativa exploratória. Para Saldaña (2015), a pesquisa qualitativa é a mais adequada para descrever a complexidade de um problema em um contexto real, como para compreender processos dinâmicos com múltiplas variáveis que estão em evolução. Assim, o capítulo proposto tem um caráter de explorar o fenômeno das cooperativas de plataforma identificando, mapeando e descrevendo estas alternativas atuais no contexto nacional. Conforme proposto por Yin (2015), a exploração de um fenômeno proporciona uma visão geral acerca de um tema pouco explorado, no qual se torna difícil a formulação de hipóteses, mas que pode descrever compreensão de um caso por meio de contextos reais.

Os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa exploratória envolveram a aplicação de levantamentos de dados virtuais para aprimoramento dos conhecimentos sobre o tema de cooperativa de plataforma como de mapear de forma online as iniciativas existentes e em desenvolvimento. Neste sentido, utilizou-se o método de coleta de dados *netnográfico* que auxilia o pesquisador a coletar suas informações, dados e conteúdos por meio de ferramentas digitais, na internet e de forma *online* (KOZINETS, 2014). Para Noveli (2010), o método *netnográfico* permite os pesquisadores de mercado estudar as subculturas desenvolvidas pela Internet ou por meio das aplicações móveis, por exemplo, um usuário de uma plataforma ou aplicação através da Internet pode observar, interagir, consultar, analisar e verificar dados com outras pessoas que utilizam, pesquisam, estudam ou consomem o mesmo conteúdo, se configurando um grupo específico que participa ou pesquisa sobre a natureza do fenômeno analisado.

Uma das principais vantagens de se utilizar um método *netnográfico*, está associado a ser considerar este método não obstrutivo, que toma menos tempo, menos esforço e tem menor custo, em relação a outros métodos como: entrevista, grupo de foco ou etnografia (DE RIVERA et al., 2017). Além disso, proporciona flexibilidade temporal e espacial, bem como o equacionamento de poder pesquisador versus pesquisado. Dessa forma, coleta dos dados *netnográficos* do estudo foi composta pela captura de três diferentes dados; dados arquivais, dados extraídos e dados de notas de campo recomendados por Kozinets (2014). Os dados arquivais foram coletados dos membros das comunidades nas mídias sócias Facebook, WhatsApp, Instagram e Linked in referente ao objeto de estudo, ao qual não houve uma intervenção ou estimulação pelos pesquisadores, pois ocorreu através da captura de imagem, informações e conteúdos de cada plataforma analisada. Os dados extraídos foram dados criados em conjunto pelos pesquisadores e os membros das comunidades analisadas (artigos, sites e trocas de mensagens pelos aplicativos de mensagens) e os dados de nota de campo foram as anotações dos pesquisadores registrados a partir das observações de interação com os demais pesquisadores, imprensa, associados e incentivadores das iniciativas de cooperativas de plataforma.

Portanto, foi adotada a técnica de estudo de caso para realizar um exame do fenômeno com maior profundidade, em seu contexto natural, a partir das múltiplas fontes (observações, consultas, pesquisas e informações na internet) empregando mais de um tipo de métodos de coleta e análise de dados (YIN, 2015). A escolha metodológica se justifica pelo interesse em compreender as experiências e descrever ilustrativamente as iniciativas organizacionais formais e informais de cooperativas que estão utilizando plataformas para se desenvolver economicamente no período pós-covid-19.

5 CASOS DE COOPERATIVA DE PLATAFORMA MAPEADOS

Para compreender como as cooperativas de plataforma surgiram e se organizaram no contexto nacional utilizou-se de pesquisas em mídia eletrônica, televisão, rádio e revistas especializadas no período de outubro de 2020 a março de 2021. Em uma segunda fase os pesquisadores buscaram pesquisar e listar artigos e publicações recentes sobre o tema nos anais de revistas de negócios, cooperativismo e comunicação. Na terceira etapa foram realizadas consultas, mapeamentos, extrações e observações online em sites, redes sociais,

aplicativos de mensagens de pessoas envolvidas com o movimento das cooperativas de plataforma no contexto local, regional e nacional.

Em relação a mídia eletrônica muitas das matérias existentes sobre o tema de cooperativa de plataforma estão associadas a destacar como alternativas as plataformas de compartilhamento ou de capital existentes tais como UBER, AIRBNB, IFOOD, RAPPI, 99FOOD entre outras. Foram mais de 8 mil matérias sobre o assunto, destacando como mais atuantes os portais Conecta.me, DigiLabour e o portal Mundocoop.

O conecta.me é um portal de conteúdo, consultoria e atualização profissional para o cooperativismo que tem como clientes cooperativas em todo país. O portal ou blog DigiLabour é administrado pelo pesquisador Rafael Grohmann, pesquisador em comunicação e responsável pelo laboratório de pesquisa sobre o mundo do trabalho e tecnologia da Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos). O Mundocoop é o portal de notícias, conteúdos e informações sobre o cooperativismo nacional que nasceu em 1999 com a necessidade de transformar informação e conhecimento para o contexto cooperativista brasileiro. Os portais tradicionais de notícias como G1, Estadão, Folha de São Paulo, Zero Hora utilizam-se destes portais educacionais, de pesquisa e de fomento cooperativista para consulta, geração e publicação de notícias sobre o tema cooperativismo de plataforma.

Além destes portais, foram mapeados grupos no Facebook, Instagram e Linked in com o tema cooperativismo de plataforma. Emergiram desta pesquisa os seguintes grupos: Grupo de estudos sobre cooperativa de plataforma do Escoop – Faculdade de Tecnologia do Cooperativismo do Rio Grande do Sul; Somos.ciclos grupo da plataforma de cooperativa da cooperativa de telefonia, médica e energia de Vitória – Espírito Santo. Grupo RS. Criativo que é um programa estratégico de desenvolvimento da economia criativa da secretaria da cultura do Rio Grande do Sul (SEDAC/RS) em parceria com a Secretaria Especial da Cultura do Ministério da Cidadania. No âmbito regional (RS) existe também um grupo no aplicativo de mensagens WhatsApp com mais de 114 conectados que discutem o tema cooperativismo e cooperativa de plataforma ao qual dois dos pesquisadores deste estudo fazem parte interagindo, trocando conteúdos, informações e consultas sobre o tema e iniciativa.

Estes mapeamentos de dados pesquisados, extraídos e consultados nas observações por meio da Internet percebe-se que o mercado nacional é um terreno fértil para iniciativas como as das cooperativas de plataforma, com a emergência por geração de emprego e renda no

período pandêmico da Covid-19 tais arranjos alternativos emergiram por meio de movimentos sociais, sindicais, coletivos, educacionais, corporativos como governamentais. Existem atualmente diversas iniciativas em andamento, construção e oito em operação. Para Grohmann (2018) existem muitas contradições entre o movimento capitalista e cooperativa de plataforma, no entanto muitas iniciativas atuais são resultados de um trabalho coletivo, colaborativo e cooperativo que são apoiadas em lógica de mercado e ocorrem na grande maioria das vezes para proporcionar oportunidades de trabalho, renda e melhorias na relação de negócios de entregadores, motoristas, artistas, diaristas, professores, médicos, pedreiros, motociclistas, cozinheiras, fotógrafos, artesãos e pesquisadores.

A facilidade de acesso e a democratização dos serviços digitais por meio dos Smartphones, plataformas de redes sociais, aplicativos de mensagens, mídia social, aplicativos de integração auxiliam estes profissionais a se conectarem com o espírito cooperativista mesmo não tendo na grande maioria uma caracterização jurídica formal (DIGILABOUR, 2020). Portanto, este estudo mapeou as iniciativas de cooperativa de plataforma em três categorias, em operação, em desenvolvimento e em construção seguindo o conteúdo coletado nos portais digitais Conecta.me, DigiLabour e MundoCoop.

5.1 Cooperativas de plataforma em operação

Somos. Ciclos

É uma cooperativa de plataforma da cidade de Vitória/ES que tem como objetivo integrar os profissionais das cooperativas dos médicos, planos de saúde, crédito, com os de serviços de telefonia e energia sustentável. A Ciclos surgiu dentro do Sicoob Central Espírito Santo em 2018 para atender uma demanda dos associados na intermediação de serviços não financeiros, mas a cooperativa de crédito descobriu uma oportunidade de cooptar novos associados de forma nacional no formato de livre associação independente de fazer parte ou não da cooperativa e do Sicoob/ES. Detalhes da Somos. Ciclos no site: <https://ciclos.coop.br/>

Cataki

É uma cooperativa brasileira desenvolvida com a intenção de aproximar geradores e catadores de resíduos, aumentando a reciclagem e a renda proveniente dela. Os catadores, mesmo responsáveis por 90% de tudo que é reciclado no Brasil, são trabalhadores de um setor sem regulação e sem reconhecimento social. Por serem trabalhadores autônomos, não possuem nenhuma garantia trabalhista, e por isso sobrevivem em situações precárias. Por

meio da plataforma, empresas e catadores podem se conectar e combinar um valor justo para a coleta. Dessa forma, evitam a poluição resultante do descarte em locais inapropriados e contribuem para o aumento da dignidade de sua prática profissional. Informações da Cataki estão no site: <https://www.cataki.org/pt/>

Caronaê

O Projeto Caronaê nasceu da iniciativa acadêmica de professores e estudantes da UFRJ, sendo considerado o sistema de caronas oficial da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trata-se de um sistema composto por um site e aplicativo de celular de acesso à comunidade acadêmica (estudantes, professores e técnicos administrativos) e pontos físicos de carona espalhados pelo Campus da Cidade Universitária da UFRJ. O sistema anteriormente restrito a deslocamentos diários com origem ou destino no campus da Ilha do Fundão no Rio de Janeiro tornou-se uma rede em 2020 composto por todas as instituições públicas e privadas que tenham interesse em participar do coletivo. O site e aplicativo do Caronaê tem um código aberto e pode ser adaptado à realidade particular de cada comunidade acadêmica com o objetivo de contribuir para um sistema mais amplo, colaborativo, eficaz, confiável e sustentável de mobilidade. Detalhes em: <https://caronae.org/index.html#top>

Pedal Express

Considerada uma das primeiras cooperativas de entregadores do Brasil. Na ativa desde 2010, a experiência de Porto Alegre é defensora das ciclo-mensagerias locais e atualmente busca integrar entregadores, restaurantes e outros parceiros. Detalhes em: <http://www.pedalexpress.com.br/>

AppJusto

Não é considerado nem um coletivo ou uma cooperativa, os criadores do negócio advindos do mercado de tecnologia desenvolveram uma plataforma com relações justas e transparentes no setor de entrega para auxiliar diversos entregadores. Um dos diferenciais da plataforma é autonomia para os entregadores definirem o preço das corridas a partir do que eles chamam de sistema de “frotas”. Por esse mecanismo, entregadores podem se juntar em grupos e cada “frota” pode ver o preço cobrado por todas as outras. Outro ponto é que o software criado pela AppJusto é de código aberto. Desta forma, ele pode ser usado por outros coletivos e cooperativas que tenham interesse na tecnologia. A experiência está em fase de testes no mercado de São Paulo. Detalhes no site: <https://appjusto.com.br/>

VouBem

Nasceu da associação dos motoristas de aplicativos da cidade de Maringá no Paraná. O primeiro movimento foi o desenvolvimento de um perfil no Facebook <https://www.facebook.com/voubem/> em novembro de 2018. No segundo estágio um site <http://www.Voubem.com.br> em 2020 no terceiro estágio foi lançado os aplicativos para sistemas Andoid e IOS. O coletivo que tem formalização jurídica pela associação se denomina mais que um grupo de motoristas e sim um estilo de vida cooperativa.

Smartcoop

É uma inovação digital desenvolvida pela Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado do Rio Grande do Sul, com objetivo de gerenciar dados, informações, iniciativas e alternativa de negócios para os produtores rurais e cooperativas associadas. A plataforma foi lançada em abril de 2021 é já está disponível em versão para desktop e aplicativo para Smartphone, para os associados das 30 cooperativas integrantes do projeto. Informações em: <https://www.sescooprs.coop.br/noticias/2021/04/16/lancamento-da-plataforma-smartcoop-ocorre-no-dia-20-de-abril/>

ContratArte

E uma plataforma digital desenvolvida para conectar artistas e seus públicos no Rio Grande do Sul, com objetivo de criar alternativa de trabalho para trabalhadores da arte na região. Iniciativa dos estudantes, bolsistas e pesquisadores do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) dos Campus Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Porto Alegre e Viamão. A ContratArte diferente da Somos. Ciclos, Cataki e VouBem não tem juridicamente uma formalização cooperativa, no entanto utiliza dos conceitos e práticas do movimento cooperativista para conectar, interagir, associar e compartilhar ações, transações e cooperações entre os envolvidos. Está em operação desde junho de 2021 por meio dos seguintes endereços eletrônicos: Site: <https://www.contratarte.art.br/>

5.2 Cooperativas de plataforma em andamento

Señoritas Courier

Trata-se de um coletivo de entregadoras mulheres e pessoas LGBT de São Paulo. As associadas são comprometidas com a mobilidade e desenvolvimento sustentável. As Señoritas contam com um formulário automatizado para solicitação de orçamento pelo Instagram e

Facebook. Detalhes no Facebook do coletivo: <https://www.facebook.com/senoritas.courier/> e no Instagram: https://www.instagram.com/senoritas_courier/

TransEntrega

É um movimento coletivo de entregadores trans. Tem o mesmo comprometido com responsabilidade social e ambiental, A experiência busca associar as entregadoras Trans no mesmo modelo proposto pela Señoritas Courier. O projeto ainda está em andamento informações no Instagram: <https://www.instagram.com/trans.entrega/>

Puma Entregas

Caracterizado por mais um coletivo de mulheres entregadoras, lançado em 2020 em Porto Alegre como alternativa de trabalho e renda para muitas mulheres da capital. Também são defensoras do uso da bicicleta e das iniciativas locais. Contato pelo Instagram: <https://www.instagram.com/pumaentregas/>

Levô Courier

Um outro coletivo de entregadores de Porto Alegre, com forte presença de mulheres. O foco deste coletivo é a luta por entregas sustentáveis está entre seus valores e com a mobilidade urbana sem poluição do meio ambiente por intermédio das bicicletas. Podem ser encontradas no Facebook: <https://www.facebook.com/levocourier>

Contrate Quem Luta

É um blog ou um assistente virtual desenvolvido pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) para conectar seus militantes, associados e as pessoas que precisam de serviços de diaristas, porteiros, músicos, pedreiros, manicures, cozinheira, eletricitista, entre outros. <https://contratequemluta.com/>

5.3 Cooperativas de plataforma em construção

SafeDelivery

Trata-se da primeira iniciativa da SafeCoop, de Curitiba que reúne trabalhadores de entrega e serviços, pretende ser uma cooperativa de plataforma. A SafeDelivery será uma cooperativa de entregadores que construirá sua própria plataforma, em que o lucro gerado será destinado aos seus associados/trabalhadores. Detalhes no site: <https://www.safecoop.com.br/>

Plataforma de Trabalho Decente

Esta iniciativa vem sendo desenvolvida na cidade de Salvador pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) para encanadores, pedreiros, chaveiros e assistentes de obras. Já existe detalhe sobre a proposta em teste no site: <https://smartlabbr.org/>

Nesse sentido, este estudo fornece insights sobre como projetos baseados em cooperativas de plataforma estão potencializando, estruturando e remodelando o significado e a direção da economia compartilhada desenvolvendo negócios, renda e empregos de forma equilibrada e sustentável pós pandemia da COVID-19 (MENDES, 2020). Além disso, o mapeamento descrito pelos pesquisadores apresenta uma nova visão de como os “**prosumidores**” (provedores de serviço e consumidores) tornam-se “**tec-prosumidores**”, em que as tecnologias fazem parte dessa agência cooperativa, achatando as estruturas sociais, coletivas, econômicas, políticas e de mercado (DA SILVEIRA, 2020).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As plataformas digitais com seus recursos, funcionalidades, soluções e algoritmos desenvolvem um ambiente confiável para a intermediação de produtos e ou serviços, gerando condições para entrada de novos participantes, cooperados, consumidores e ou empreendedores (RÄISÄNEN; OJALA; TUOVINEN, 2020). Dessa forma, a aprendizagem em rede ao qual os cooperados são submetidos fomenta e dissemina novas práticas e estruturas ao qual a plataforma digital complementa no desenvolvimento e promoção de estratégias de cooperativas entre todos os envolvidos (SCHOR, 2016; WEGNER e MOZZATO, 2019). Assim, estudo buscou ser um contraponto aos modelos de negócios baseados em plataforma digital tais como Uber, Airbnb, We Work, iFood, apresentando o cooperativismo de plataforma como uma alternativa na geração de oportunidades de negócios, emprego e renda Pós-Covid-19. O cooperativismo de plataforma pode dar amplitude nas decisões dos participantes proporcionando alternativas, transparência, influência, senso de pertencimento, gestão e controle da renda para os cooperados (ICA, 2020; BERNARDI, 2020; SANDOVAL, 2020).

Nesta conjuntura da crise sanitária da Covid-19 os coletivos e cooperativas por meio de plataformas estão proporcionando alternativas de trabalho, renda e empreendedorismo para muitos indivíduos e grupos. O mapeamento descreveu que muitas das iniciativas estão alicerçadas por causas sociais, econômicas, políticas, de gênero e de diversidade, com o

objetivo de atacar os problemas das altas taxas de desemprego, precarização do trabalho impostas pelas plataformas tradicionais de compartilhamento. Assim, estes coletivos, associações e movimentos cooperativistas representam uma união dos entregadores de aplicativos, profissionais de serviço, profissionais especializados no desejo de promover sua emancipação da condição de trabalho precarizado, contra o modelo tradicional capitalista. Para Scholz (2016, p. 60) as cooperativas podem trazer criatividade não apenas consumo dos produtos e serviços, mas também à reorganização do trabalho por meio de contrapartes éticas, autogeridas e colaborativas.

O estudo buscou mapear, descrever e relatar estas novas formas de organização dos trabalhadores por meio de plataformas digitais, além de expor as cooperativas já existentes e apontar caminhos alternativos ao desenvolvimento econômico Pós-Covid-19. Os movimentos coletivos ou cooperativas suportadas pelas plataformas digitais não é mais um pensamento teórico, mas real, material e latente no mercado brasileiro que necessita de mais discussão, debate e aprofundamento acadêmicos como apoios e fortalecimentos para sua prática como solução econômica de trabalho, negócio e renda. Portanto, pesquisas futuras podem investigar os movimentos de cooperativas de plataforma suas formatações, símbolos, razões, ações, relações e colaborações. Para Da Cunha Teixeira (2017) e Silva (2020) pesquisas sobre cooperativa de plataforma podem revelar alternativas reais de construção de novas formas de organizações sociais, econômicas e mercadológicas em que a colaboração e o compartilhamento são valores genuínos, intrínsecos e coletivos.

Por outro lado, as cooperativas de plataforma podem desenvolver a área de serviços nacional para difusão de inovações baseados sob conhecimento científico e tecnológico. Conforme artigo 5º da portaria 1.122 do Ministério de Ciência e Tecnologia de 19 de março de 2020 tecnologias da produção e negócios, podem contribuir para o aumento da competitividade e produtividade nos setores voltados diretamente à produção de riquezas para o país (MCTIC, 2020). Portanto, essa pesquisa visa contribuir para a alavancagem dos setores de serviço com potencialidade para a aceleração do desenvolvimento econômico e social do país em consonância com as prioridades estratégicas e de produção destacada nesta portaria. Inclusive ser um registro descritivo das diversas possibilidades e aplicações cooperativas emergentes na vida urbana, plural e diversa na economia e sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALDRICH, Howard E. The democratization of entrepreneurship? Hackers, makerspaces, and crowdfunding. In: **Annual Meeting of the Academy of Management**. 2014.
- BAJDE, Domen. Consumer culture theory: ideology, mythology and meaning in technology consumption. **International Journal of Actor-Network Theory and Technological Innovation (IJANTTI)**, v. 6, n. 2, p. 10-25, 2014.
- BELK, R. You are what you can access: Sharing and collaborative consumption online. **Journal of Business Research**, A.67, n. 8, 2014.
- BENKLER, Yochai. Peer production, the commons, and the future of the firm. **Strategic Organization**, v. 15, n. 2, p. 264-274, 2017.
- BERNARDI KALIL, RENAN. Organização coletiva dos trabalhadores no capitalismo de plataforma. **Contracampo**, v. 39, n. 2, 2020.
- BOTSMAN, Rachel; ROGERS, Roo. **What's mine is yours: how collaborative consumption is changing the way we live**. 2011.
- DA CUNHA TEIXEIRA, Luísa; PARAÍZO, Rodrigo Cury. Cooperativismo digital—Uma análise sobre o compartilhamento de caronas na Cidade Universitária do Rio de Janeiro. Em **URBA**, 17 – Urbanismo em Campo. Salvador, Bahia, 7 a 10 de novembro de 2017.
- DA SILVEIRA, A. B. Digital Platforms in the sharing economy: mediating and flattening consumptions and service relationships. Ph.D. thesis – Unisinos Business School, Porto Alegre, RS, Junho, 1 – 225, 2020
- DA SILVEIRA, Alexandre B.; LEVRINI, Gabriel R. Dellacasa; ERTZ, Myriam. How Digital Platforms Materialize Sustainable Collaborative Consumption: A Brazilian and Canadian Bike-Sharing Case Study. **Journal of International Consumer Marketing**, p. 1-21, 2021.
- DE RIVERA, J. GORDO, Á., CASSIDY, P., APESTEGUÍA, A. A netnographic study of P2P collaborative consumption platforms' user interface and design. **Environmental Innovation and Societal Transitions**, v. 23, p. 11-27, 2017.
- DE REUVER, Mark; SØRENSEN, Carsten; BASOLE, Rahul C. The digital platform: a research agenda. **Journal of Information Technology**, p. 1-12, 2018.
- DE VAUJANY, François-Xavier ; LECLERCQ-VANDELANNOITTE, Aurélie, HOLT, Robin. Communities versus platforms: The paradox in the body of the collaborative economy. **Journal of Management Inquiry**, p. 1056492619832119, 2019.
- DIGILABOUR. Coletivos e cooperativas de entregadores no Brasil. DigiLabour. Jul. 2020. Disponível em: < <https://digilabour.com.br/2020/07/26/coletivos-e-cooperativas-deentregadores-no-brasil/>>. Acesso em: 05 de agosto 2021
- DWIVEDI, Yogesh K. et al. Impact of COVID-19 pandemic on information management research and practice: Transforming education, work, and life. **International Journal of Information Management**, v. 55, p. 102211, 2020.
- ECKHARDT, Giana M. et al. Marketing in the sharing economy. **Journal of Marketing**, v. 83, n. 5, p. 5-27, 2019.
- ERTZ, Myriam; BOILY, Émilie. The rise of the digital economy: Thoughts on blockchain technology and cryptocurrencies for the collaborative economy. **International Journal of Innovation Studies**, v. 3, n. 4, p. 84-93, 2019.
- ERTZ, Myriam; LEBLANC-PROULX, Sébastien. Sustainability in the collaborative economy: A bibliometric analysis reveals emerging interest. **Journal of Cleaner Production**, v. 196, p. 1073-1085, 2018.

- FALCÓN PÉREZ, Carmen Esther; FUENTES PERDOMO, Juana. Mejorando el bienestar de la sociedad a través del cooperativismo de plataforma. **Ciriec-España Revista De Economía Pública Social Y Cooperativa**, 2019.
- FARIAS, Cleuza M.; GIL, M. F. Cooperativismo. Santa Maria-RS: Rede e-Tec Brasil, 2013.
- FORAMITTI, Joël; VARVAROUSIS, Angelos; KALLIS, Giorgos. Transition within a transition: how cooperative platforms want to change the sharing economy. **Sustainability Science**, p. 1-13, 2020.
- GROHMANN, Rafael. Cooperativismo de plataforma e suas contradições: análise de iniciativas da área de comunicação no Platform. Coop. **LIINC em Revista**, v. 14, n. 1, 2018.
- HARVEY, John; SMITH, Andrew; GOLIGHTLY, David. Giving and sharing in the computer-mediated economy. **Journal of Consumer Behaviour**, v. 16, n. 4, p. 363-371, 2017.
- HOSSAIN, Mokter. The effect of the Covid-19 on sharing economy activities. **Journal of Cleaner Production**, p. 124782, 2020.
- ICA - International Cooperative Alliance (2020). Cooperative identity, values & principles. Disponível em: <<https://www.ica.coop/en/cooperatives/cooperative-identity>> Acesso: 28/11/20.
- KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Penso Ed, 2014.
- KOZINETS, Robert; PATTERSON, Anthony; ASHMAN, Rachel. Networks of desire: How technology increases our passion to consume. **Journal of Consumer Research**, v. 43, n. 5, p. 659-682, 2017.
- MARTIN, C. J.; UPHAM, P.; KLAPPER, R. Democratising platform governance in the sharing economy: An analytical framework and initial empirical insights. **Journal of Cleaner Production**, v. 166, p. 1395-1406, 2017.
- MCTIC - Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (2020). PORTARIA Nº 1.122, DE 19 DE MARÇO DE 2020 Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-1.122-de-19-de-marco-de-2020-249437397>> Acesso em 03 de janeiro de 2021.
- MENDES, Gustavo. Cooperativismo de Plataforma: a democratização dos serviços digitais, 2020. Disponível em: <<https://coonecta.me/cooperativismo-de-plataforma-a-democratizacao-dos-servicos-digitais/>> Acesso em 02 de dezembro, de 2020.
- MUNDOCOOP. Cooperativas gaúchas apostam em plataforma digital para ampliar desenvolvimento agropecuário. Disponível em: <<https://www.mundocoop.com.br/agrocoop/cooperativas-gauchas-apostam-em-plataforma-digital-para-ampliar-desenvolvimento-agropecuario.html>> Acesso em: 27 de julho de 2021
- NOVELI, M. Do Off-line para o Online: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet? *Revista Organizações em Contexto*, 6(12), 107-133, 2010
- NOVKOVIC, Sonja. Defining the co-operative difference. **The Journal of Socioeconomics**, v. 37, n. 6, p. 2168-2177, 2008.
- PARÉ, Abel M. Intercooperação: A formação de redes flexíveis como estratégia competitiva inteligente. Porto Alegre. Sescoop/RS, 2009.
- PARKER, Geoffrey G.; VAN ALSTYNE, Marshall W.; CHOUDARY, Sangeet Paul. **Platform revolution: How networked markets are transforming the economy and how to make them work for you**. WW Norton & Company, 2016.

- RÄISÄNEN, Jaana; OJALA, Arto; TUOVINEN, Tero. Building Trust in the Sharing Economy: Current Approaches and Future Considerations. **Journal of Cleaner Production**, 2020.
- RAMBO, Arthur Blasio; ARENDT, Isabel Cristina. Cooperar para prosperar: a terceira via. **Porto Alegre: Sescop**, 2012.
- RAVENELLE, Alexandra J. Sharing economy workers: selling, not sharing. **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society**, v. 10, n. 2, p. 281-295, 2017.
- RIOS, Gilvandro Sá Leitão. O que é cooperativismo. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- SALDAÑA, Johnny. **The coding manual for qualitative researchers**. Sage, 2015.
- SANDOVAL, Marisol. Entrepreneurial activism? Platform cooperativism between subversion and co-optation. **Critical Sociology**, v. 46, n. 6, p. 801-817, 2020.
- SCHNEIDER, Edson P. Cooperativismo de crédito organização sistêmica no SICREDI. 2006.
- SCHNEIDER, Nathan. An Internet of ownership: Democratic design for the online economy. **The Sociological Review**, v. 66, n. 2, p. 320-340, 2018.
- SCHOLTZ, Trebor. Platform cooperativism. **Challenging the corporate sharing economy**. New York, NY: Rosa Luxemburg Foundation, 2016.
- SCHOLTZ, Trebor; SCHNEIDER, Nathan. Ours To Hack and Own: **The Rise of Platform Cooperatives**. 2016.
- SCHOR, Juliet B. et al. Paradoxes of openness and distinction in the sharing economy. **Poetics**, v. 54, p. 66-81, 2016.
- SCHOR, Juliet. **After the Gig: How the Sharing Economy Got Hijacked and How to Win It Back**. Univ of California Press, 2020.
- SESCOOP/RS. Disponível em: <<https://www.sescoopr.rs.gov.br/>> Acesso: 10 agosto de 2021.
- SILVA, Wallace Antônio Dias. O SURGIMENTO E FORTALECIMENTO DAS COOPERATIVAS DE ENTREGADORES DE APLICATIVOS NO BRASIL COMO REFLEXO DO COVID-19. **Revista Eletrônica Sapere Aude**, v. 1, n. 2, p. 103-118, 2020.
- WEGNER, Douglas; MOZZATO, Anelise R. Shall we cooperate, or shall we compete? How network learning episodes influence strategic decisions in strategic networks. **International Journal of Management and Enterprise Development**, v. 18, n. 3, p. 171-188, 2019.
- YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Bookman, 2015.
- ZHANG, Mo et al. Terminator or accelerator? Lessons from the peer-to-peer accommodation hosts in China in responses to COVID-19. **International Journal of Hospitality Management**, v. 92, p. 102760, 2020.